

CASO DE ENSINO SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UECE

Francisca Genifer Andrade de Sousa¹

RESUMO

O caso de ensino é um tipo de estudo que toma como ponto de partida uma vivência docente, que ao ser narrada e devidamente interpretada, corrobora o melhor entendimento da tarefa educativa, sendo um potente recurso para formar professores, seja no âmbito da formação inicial, seja na formação ao longo da prática. Assim, este manuscrito tem como objetivo problematizar a formação política incitada junto aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), uma universidade pública estadual cujo principal foco é a formação de professores. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo caso de ensino, que tem como objeto uma ação formativa realizada em outubro de 2023, a qual visou desenvolver o senso crítico dos estudantes para com a importância da organização estudantil na busca por melhores condições de ensino-aprendizagem ao longo das suas trajetórias acadêmicas. Nota-se que as juventudes da atualidade são pouco engajadas e pouco dispostas a integrar a luta organizada, apesar de existirem variadas pautas que, para serem concretizadas, necessitam ser conquistadas pela classe estudantil. Por isso, conclui-se que a formação política precisa ser um compromisso permanente da educação universitária, prioritariamente quando se trata da formação de professores, pois tal classe é agente de transformação da realidade.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Emancipação. Crítica. Experiências discentes.

TEACHING CASE ON POLITICAL TRAINING IN THE PEDAGOGY COURSE AT UECE

ABSTRACT

The teaching case is a type of study that takes as its starting point a teaching experience, which, when narrated and properly interpreted, corroborates a better understanding of the educational task, and can be a powerful resource for training teachers, whether within the scope of initial training, whether in training throughout practice. Thus, this manuscript aims to problematize the political formation encouraged among students of the Pedagogy course the State University of Ceará (UECE), a public state university whose main focus is teacher training. This is a study with a qualitative approach, of the teaching case type, whose objective is a training action

¹ ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>> Universidade Estadual do Ceará (UECE), campus de Iguatu. Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Professora da UECE, curso de Pedagogia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4904576198000368> E-mail: geniferandrade@yahoo.com.br

carried out in October 2023, which aimed to develop students' critical sense of the importance of student organization in the search for better services. throughout their university careers. It is noted that today's youth are little engaged and little willing to participate in organized struggle, despite there being various agendas that, to be implemented, need to be conquered by the student class. Therefore, it is concluded that political training needs to be a permanent commitment of university education, particularly when it comes to teacher training, as this class is an agent of transformation of reality.

Keywords: Student movement. Emancipation. Criticality. Student experiences.

1. INTRODUÇÃO

Experiências e narrativas docentes têm se tornado, nos últimos tempos, mecanismos de grande valia para o desenvolvimento do campo da educação, especialmente no que concerne à formação de professores (Fialho; Sousa, 2023). Isso porque o ato de (re)pensar o fenômeno educativo precisa dialogar com a realidade vivenciada no chão da sala de aula, haja vista que, conforme enuncia Vieira (2002, p.34), somente a consciência do passado, iluminada pelo conhecimento do presente, pode ajudar a construir um melhor futuro”. Portanto, o contato direto com a docência é salutar para que mudanças educacionais obtenham êxito, e por conseguinte, variados tipos de estudos conquistam espaço no campo científico, a exemplo de pesquisas-narrativas, autobiografias, biografias, pesquisas etnográficas, pesquisa-ação, pesquisa participante, dentre outras que permitem a escuta e o contato direto com professores em atuação.

Nessa perspectiva, partindo do entendimento que o ato de refletir sobre práticas docentes se faz necessário nos tempos atuais, o presente estudo se constitui em um caso de ensino. Esta modalidade de escrita se trata de um construto cuja origem remonta à contemporaneidade, que registra uma experiência particular no âmbito da docência, buscando dela extrair reflexões e ensinamentos que dialoguem com práticas pedagógicas e educativas em ambientes formais de ensino (Farias; Mussi, 2021).

Por assumir tal característica, o caso de ensino é um importante recurso para a formação inicial e contínua de professores, tendo em vista que ele se constitui no registro de uma situação particular, que ao mesmo tempo é “rica em pormenores e atravessada por tensões, possibilitando – quando da discussão do caso – “vivenciar” esta situação e se colocar na posição de seu protagonista, questionando-se acerca do modo de compreender e encarar as circunstâncias envolvidas” (Farias; Mussi, 2021, p.1).

Considerando a potência do caso de ensino para o movimento de repensar os rumos da educação e da formação docente, o presente caso de ensino toma como objeto de estudo uma experiência docente cujo cerne foi a formação política, crítica e reflexiva de estudantes do curso de Pedagogia da Universidade estadual do Ceará (UECE), uma instituição de ensino superior pública mantida pelo Governo do Ceará, que é referência no campo da formação de professores das mais diversas áreas e níveis de ensino (Fialho; Sousa, 2021).

A relevância deste manuscrito consiste em problematizar um aspecto formativo docente, que é fundamental para despertar a consciência dos professores sobre a sua função social – que é a formação política, crítica e reflexiva perante o contexto social que situa a tarefa educativa (Libâneo; Pimenta, 1999). Tal particularidade formativa vem sendo desprezada nos últimos anos, principalmente em virtude do ataque que a educação tem sofrido pelos desdobramentos do Capitalismo e das suas políticas de formação, que desprezam a formação de pessoas críticas e conscientes sobre os seus meios sociais, e em seu lugar, defendem a instrumentalização técnica (Franco, 2012). Basta analisar a recente Reforma do Ensino Médio e as alterações dos currículos de formação de professores, que relegam a segundo plano disciplinas cruciais para a formação de uma geração politizada e compromissada com a transformação social, como a Sociologia, a Filosofia e a História.

Portanto, ao centrar foco em uma experiência formativa cujo âmago foi o despertar de consciências emancipadas de pedagogos em formação, o presente escrito não apenas demonstra a sua relevância, como também se constitui em um mecanismo de resistência frente ao cenário atual, que não abre espaço para a formação crítica e emancipatória. Isso porque o caso de ensino não visa somente narrar experiências, mas tem o escopo de gerar encaminhamentos para ações futuras, ou seja: é uma narrativa do passado que possui relação direta com o presente e o futuro.

2. METODOLOGIA

O estudo é de abordagem qualitativa, já que realça pormenores ligados à subjetividade que não seriam passíveis de análise no universo das operacionalizações variáveis, de tal modo que “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas [...]” (Minayo, 1994, p. 22). Quanto ao tipo do estudo, trata-se de um caso de ensino.

O caso de ensino se trata de um registro na forma de narrativa sobre uma situação vivenciada pelo professor, podendo esta ser real ou fictícia. Tal narrativa não se constitui em simplesmente “contar o acontecido”, mas busca explicitar os conflitos e dilemas profissionais

que permeiam a prática do professor em sala de aula, pois pretende “provocar a atenção do professor para determinadas temáticas/questões vividas na prática docente, por isso mesmo, se propõe a gerar reflexões e a explorar alternativas de como lidar com tais pautas e situações” (Farias; Mussi, 2021, p.1).

A experiência que constitui o presente caso de ensino aconteceu no dia 24 de outubro de 2023, das 19:30 às 21:30, no auditório de um campus da UECE, no interior do Estado (campus de Iguatu). Ela foi selecionada, dentre tantas outras vivências que perpassam a prática docente cotidiana, por fazer referência à formação política dos estudantes do curso de Pedagogia, assunto que toca intimamente a autora desde os tempos de estudante da universidade mencionada.

No que concerne aos aspectos éticos, pelo fato de não se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, mas de uma vivência particular, não foi necessária aprovação do Comitê de Ética. Todavia, ao longo da abordagem deste caso de ensino, tomou-se cuidado para não identificar as pessoas envolvidas, preservando as suas identidades.

3. ENTRE A DISCÊNCIA E A DOCÊNCIA NA UECE

Antes de centrar foco na experiência deste caso de ensino, primeiro, se faz necessário situar o lugar de fala da docente, pois, como explica Franco (2012), quem sou como pessoa não se separa de quem sou como professora, porque as duas identidades são entremeadas. E, nesse caso de ensino em especial, elas são ainda mais intimamente articuladas, de tal maneira que passar direto para a experiência docente faria com que o seu pleno sentido não fosse devidamente compreendido.

Sou a professora Francisca Genifer Andrade de Sousa, e sou “cria da UECE”, como gosto de dizer. Entrei nessa instituição em 2013, há pouco mais de onze anos, para cursar Pedagogia. Concluí o curso em 2017, depois segui para o mestrado em Educação (2018 e 2019) e para o doutorado, também em Educação (2020 a 2023). Concluí a minha caminhada como discente da UECE em fevereiro de 2023, e em junho do mesmo ano assumi o cargo de professora do curso de Pedagogia da minha universidade, mais precisamente, na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI). Em Fortaleza, onde obtive toda a minha formação ueceana, atuei como professora da Educação Infantil e do Ensino Superior em instituições privadas de ensino.

A UECE me formou como pessoa e como profissional que acredita na transformação da sociedade através da luta organizada, pois desde a graduação tive contato com intelectuais críticos, a exemplo de Karl Marx, Friederich Engels, György Lukács, Nadejda Krupskaja, Dermeval Saviani, Paulo Freire, Florestan Fernandes, Louis Althusser, Bertolt Brecht, Pierre Bourdieu, dentre outros. Portanto, tratam-se de autores de filosofia marxista considerados clássicos, pois embora alguns deles remontem a séculos passados, os seus pensamentos e teorias são vistos, ainda hoje, como essenciais à formação crítica e reflexiva de professores (Leon, 2012).

Dessa maneira, formei-me vendo e vivendo a luta organizada dentro e fora da universidade. No meu período de graduação, o movimento estudantil era muito forte e atuante na UECE, os Centro Acadêmicos eram politizados e instigavam, a todo tempo, a luta organizada em prol de melhorias na universidade. Assim, vivi três greves na UECE, e elas contam exatamente a minha evolução enquanto ser político: na primeira, em 2013, fui apática – fui a uma assembleia do meu curso somente para votar contra a deliberação da greve estudantil. A segunda greve veio em 2014, e dessa vez, já envolvida na universidade, senti que aquela era uma necessidade à permanência do ensino público de qualidade, que já vinha tão maltratado. E, por último, vivi a greve de 2016, que durou um semestre inteiro e atrasou a minha formatura, mas que a apoiei mais do que nunca, pois a maior pauta era para que o Governador nomeasse os professores efetivos, uma questão que me tocava diretamente, pois recorrentemente deixei de cursar disciplinas porque não havia professor, um problema comum em muitas universidades públicas brasileiras (Broch *et al*, 2020).

A vivência de estudantes junto ao movimento grevista, conforme destacam Costa e Costa (2020), existe no Brasil desde antes mesmo da criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), pois há registros de organização e mobilização estudantil de pequenos grupos a partir de 1931, quando foi instituído o Estatuto das Universidades Brasileiras. Tais movimentações são cruciais para a formação de consciências emancipadas, pois no âmbito prático do movimento político na luta pelos próprios direitos, alunos e professores têm acesso a uma vertente formativa que dificilmente seria consolidada de forma teórica, nos bancos da sala de aula (Costa; Costa, 2020).

Assim, no ensejo de buscar a garantia de direitos negados pela falta de compromisso governamental para com a educação, acabei apoiando o movimento grevista e tomando consciência da situação em que me encontrava enquanto estudante de uma universidade pública

estadual sucateada. Confirmando a afirmativa de Costa e Costa (2020), antes mencionada, a vivência nas três greves foi determinante para a minha evolução enquanto ser político e para a minha formação crítica e reflexiva em meio aos movimentos sociais, formação que talvez não tivesse sido consolidada se eu não tivesse vivido as greves supramencionadas.

Aprendi, ainda na graduação, a importância da formação de consciências críticas, emancipadoras e reflexivas, principalmente quando se trata da formação de professores. Por isso, em 2023, quando o edital do concurso público da UECE foi publicado, logo escolhi o setor de Fundamentos Sociológicos da Educação para pleitear uma vaga. E, assim, ingressei na UECE como professora que gestava o desejo de lidar em sala de aula com o que acredito: com a formação docente reflexiva e para a emancipação seguindo os pressupostos da Sociologia.

Então, em junho de 2023, tive o meu primeiro contato com a docência ueceana, e em julho, tive a minha primeira experiência em sala de aula. Como professora iniciante, cheguei bastante empolgada, afinal, estava vivendo a realização de um grande sonho pessoal e profissional. No entanto, o entusiasmo logo chegou ao fim: os discentes estavam sofrendo com a saída de outros professores temporários, que tiveram os seus contratos encerrados com a chegada dos novos docentes. Tentei não me abalar, afinal de contas, eles estavam passando por um momento delicado pela quebra de um vínculo que vinha sendo gestado bem antes de eu chegar, e segundo Freud (1917), é um momento de luto que precisa ser vivido, para então ser superado.

Duas das piores sensações foi quando um aluno me falou que “estava triste pela chegada dos professores efetivos, porque professor novato não falta aula”, e outra disse que “não sabia para que essa necessidade de professor efetivo, se com os temporários já estava dando tudo certo”. Aquela sensação me fez ir da felicidade ao desgosto em questão de segundos. Aquilo foi como uma apunhalada no meu peito, pois desde muito cedo fui formada para defender a minha universidade, e sabia da importância de professores efetivos no seu corpo docente.

Apesar disso, segui com a minha função docente, tentando não me distanciar do que acredito, apesar das frustrações que seguiram constantes, e hoje, sinto que muitos alunos já se aproximaram de mim. Todavia, no que concerne ao meu entusiasmo inicial em buscar uma formação crítica e emancipatória, isto tem se tornado um tanto problemático, pois sinto que os alunos estão muito mecanicizados, que não param sequer para pensar nas suas próprias questões, como o fato de praticamente não terem representatividade estudantil (eles não têm

um Diretório Central dos Estudantes, nem realizam assembleias estudantis). De acordo com Ésther (2015), tais espaços são essenciais dentro de uma universidade pública que precisa recorrentemente defender a sua existência, e a sua ausência pode ser nociva ao desenvolvimento da universidade ao longo do tempo.

Vejo, com bastante preocupação, uma geração apática que não pensa na coletividade, nem busca se engajar para reivindicar melhorias para a universidade, e tal cenário não é resultado de uma má formação, tampouco se trata de um caso isolado. Conforme análise de Souza e Paiva (2012, p.357), essa é uma realidade que assola todo o país, e não iniciou agora, mas vem se desenrolando desde as últimas décadas, pois, “em um período em que as desigualdades econômicas e sociais estão cada vez mais acirradas, a sociedade está vivenciando um processo de individualização que se intensifica à medida que o capitalismo impõe a cultura da “liberdade individual” e da meritocracia”, de tal modo que chegamos ao século XXI com um grupo juvenil que não se interessa com a coletividade e não visa a transformação social.

Esse, segundo Libâneo e Pimenta (1999), é um dos desafios dos professores: incitar a formação política e reflexiva para que as próximas gerações possam ser transformadoras das suas realidades e não apenas massas de manobras de um sistema econômico desigual, conforme preconiza Freire (2009). Foi seguindo esse compromisso que organizei um momento formativo com os estudantes do curso de Pedagogia, que é o objeto deste caso de ensino.

O momento formativo aconteceu no dia 24 de outubro de 2023, e buscou possibilitar a partilha entre ex-membros dos Centros Acadêmicos da UECE e os alunos do curso de Pedagogia da supracitada instituição. O título do evento foi “Trajetórias de luta e a importância dos Centros Acadêmicos nos cursos da UECE”, cujo mote foi instigar os alunos a perceberem as suas próprias pautas de luta dentro da universidade, a partir do relato de outros jovens militantes: um da Pedagogia, um das Ciências Biológicas e outra da Letras.

O encontro foi impulsionado pelo entendimento de que há a necessidade de haver compromisso docente para com a formação política dos professores em formação, que é um dos pilares da formação docente (Freire, 2009). Todavia, interessa destacar que não é justo associar a mudança social à atuação docente, pois o professor não é agente único de transformação social, tendo em vista que ele tem as suas ações influenciadas pelo meio que o situa (Franco, 2012). Assim, ao mesmo tempo em que a docência precisa estar imbuída pelo compromisso de transformação, é crucial denunciar os discursos que disseminam a imagem do

professor como salvacionista, pois, “quando falamos da educação como salvadora da pátria, já elegemos o bode expiatório: o professor” (Faria Filho, 2015, p.1).

Portanto, não houve a intenção de mudar por completo a realidade de apatia entre aqueles discentes, mas acreditou-se que a iniciativa poderia ser o pontapé para a transformação, a qual, de fato, não aconteceria de maneira imediata, mas poderia levar tempos porque o processo de conscientização implica um trabalho contínuo e persistente (Freire, 2009).

Logo antes de a discussão iniciar, o que se percebeu foi a falta de interesse dos alunos em estarem ali, o que foi transparecido através de comentários como “*se eu soubesse que hoje não teria aula, nem teria vindo*” e “*vim só perder o meu tempo com essa besteira, nem acredito!*”. Inclusive, muitos docentes também não deram a devida importância ao momento: ou não levaram as suas turmas para o diálogo, ou chegaram já bem depois do início das falas, atitudes que demonstram o descrédito para com um momento tão importante dentro da universidade.

Ainda assim, o debate aconteceu, seguindo o formato de um painel, ou seja, após abrir a mesa, dando as boas-vindas ao público, apresentando o título, o objetivo e os convidados (um ex-integrante dos Centros Acadêmicos dos cursos de Biologia, da Pedagogia e da Letras), iniciou-se a exposição. Então, cada um dos membros fez uma fala sobre as suas vivências junto ao movimento estudantil, destacando as dificuldades e as conquistas alcançadas. Dentre elas, foi enfatizada a conquista do Restaurante Universitário para aquele campus da UECE, bem como a acessibilidade estrutural do campus para pessoas cadeirantes e deficientes visuais, que foram resultados de muita luta e denúncias na mídia. Para Barbosa (2009), é comum que as mudanças somente se concretizem nas universidades públicas após ampla denúncia do corpo docente e discente, o que reflete o descaso brasileiro para com os espaços formativos universitários públicos. Portanto, essa realidade enfrentada pelos discentes da UECE não se trata de um caso isolado.

Apesar das conquistas estudantis, também foram elencadas muitas pautas de luta que ainda persistem, como transporte escolar para algumas localidades, auxílio permanência e residência universitária, e foi denunciada a ausência de várias políticas de assistência estudantil. O objetivo de tais políticas, que são realizadas através de programas de promoção, assistência e apoio aos estudantes universitários, “têm como objetivo principal criar condições que contribuam para a permanência dos estudantes nos estabelecimentos de ensino superior,

melhorando sua qualidade de vida e conseqüentemente seu desempenho acadêmico e de cidadãos” (Barbosa, 2009, p.39).

Ante esse cenário, os estudantes foram instigados à luta, pois, quando se estuda em uma universidade pública sucateada, somente através do protagonismo estudantil é possível conquistar as condições mínimas para estudar com qualidade (Mendes, 1982). Ficou claro, em todas as falas, a potência do movimento estudantil na universidade através do Centro Acadêmico (CA) e do Diretório Central dos Estudantes (DCE), que são dois mecanismos existentes na realidade brasileira desde 1985, quando foi instituída a Lei nº 7.395, que em seu 4º artigo assegurou aos discentes do ensino superior o direito de se organizarem enquanto grupo representativo por curso, “com intuito de representar interesses, reivindicações e promover lutas estudantis dentro da instituição de ensino e na sociedade” (Monteiro; Siqueira, 2021, p.5).

Ao final da exposição dos componentes da mesa, abriu-se espaço de fala para o público, e alguns estudantes, principalmente aqueles integrantes dos Centros Acadêmicos, reforçaram a necessidade de intensificar a luta na UECE. Dentre as falas, destaquemos a de uma aluna em especial, que agradeceu por aquela noite. Ela falou que precisava ouvir os ex-integrantes dos Centros Acadêmicos, entender as suas lutas em outrora para que se sentisse responsável pela universidade, e que a partir daquele momento, entendeu quão grandiosa é uma formação política. Disse, ainda, que aquela discussão lhe despertou o interesse de integrar o Centro Acadêmico do seu curso, Pedagogia. Tais palavras demonstraram que o evento valeu a pena, e apesar de outros alunos terem demonstrado que aquele momento foi perda de tempo, o depoimento dessa estudante nos deixa a esperança em uma geração futura que pode voltar a ser engajada politicamente, como foi em outros tempos, a exemplo do período da Ditadura Militar, momento em que

Os jovens brasileiros, especialmente os universitários, seguindo a tendência internacional, encontravam-se imersos num progressivo processo de politização em direção ao espectro político da esquerda, o que os constituía como um dos setores da população mais receptivos às ideias progressistas, radicais e marxistas-socialistas. Assim, maioritariamente, sentiam-se atraídos por algum tipo indefinido de socialismo capaz de levar a cabo as reformas que o Brasil necessitava, baseadas na justiça e equidade social. (Huerta, 2018, p.53-54).

Inclusive, interessa destacar que hoje o cenário político é mais propício à luta estudantil no Brasil, pois durante a Ditadura Militar brasileira tanto professores quanto estudantes sofreram variados tipos de violência, como destaca Huerta (2018, p.53):

Recém-iniciada a ditadura, de forma progressiva, as reitorias universitárias foram intervencionadas e a Operação Limpeza aplicada a professores e estudantes. O resultado foi que houve um bom número de estudantes que foram expulsos da universidade e impedidos de continuar os seus estudos e uma considerável quantidade de professores afastados do seu cargo e encaminhados, por obrigação ou por precaução, para o exílio exterior, onde não poucos prosseguiram a sua carreira. Para tentar reverter este efeito não desejado, o governo militar pôs em marcha o que se chamou de Operação Retorno, que consistiu em facilitar o regresso de docentes e investigadores que tinham saído do país para evitar a Operação Limpeza. Também houve abundantes casos de estudantes e professores detidos, interrogados e submetidos a duras torturas psicológicas e a pressões físicas, que consistiram, na maioria das vezes, em contusões, geralmente na cara, pelo menos até à promulgação do Ato Institucional n. 5 (AI-5), em dezembro de 1968. A partir de então, a violência e a tortura de todo o tipo cobraram uma nova dimensão, tanto pela intensidade como pela frequência e extensão.

À vista do exposto, certifica-se que no passado, apesar dos perigos que implicava fazer parte de um grupo de luta organizada socialmente, as denúncias e as revoltas se faziam presente, apesar das fortes repressões que em não poucos casos custou a própria vida. Em contrapartida, hoje, já não existe tanta pressão para silenciar os movimentos estudantis, e inclusive, a mídia é um recurso importante para disseminar as inquietações dessa geração que conta a todo tempo com o poder das redes sociais, e mesmo assim vemos uma geração silenciada, que não enxerga a luta organizada como mecanismo de transformação social.

Diante desse contexto, fazer parte de um grupo profissional cuja responsabilidade primeira é a formação das próximas gerações, significa que nós, professores (e principalmente formadores de professores) precisamos tomar para si essa incumbência que nos é tão cara: a de formar gerações mais engajadas, politizadas e compromissadas com as suas próprias demandas, tanto dentro quanto fora da universidade.

O presente caso de ensino realça uma iniciativa nesse sentido, que por mais insignificante que pareça ser, certamente foi um pequeno passo. Para muitos, pode ser que este não seja um caso de ensino exitoso, afinal, foi preciso quase um semestre como docente para tocar uma só aluna. E, de fato, ele não foi concluído, mas encoraja e dar ânimo para seguir o caminho árduo que ainda precisamos trilhar para conseguir formar estudantes mais politizados e humanizados. Entre os prazeres e os desprazeres da docência, como diz Freire (2009), é preciso esperar, e este caso de ensino trata, justamente, disto: de ter esperança e lutar, ainda que a passos curtos, por uma educação emancipatória.

Por isso, ante tantas questões, sentimentos e dilemas que o acontecimento ora relatado nos suscita, o que fica como aprendizado é o entendimento de que, em uma educação que visa a plena formação do homem, e não a sua mera instrumentalização (Franco, 2012), é preciso ter paciência no cultivo para que no futuro possa-se fazer uma boa colheita; e nessa tarefa, que é muitas vezes árdua, é essencial que nossas crenças se desdobrem em ações concretas, mesmo que a tarefa docente não possa ser vista como salvacionista e tenha as suas limitações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente manuscrito teve como objetivo problematizar sobre a formação política incitada junto aos alunos do curso de Pedagogia de um campus da UECE, uma universidade pública estadual do Ceará cujo principal foco é a formação de professores. Trata-se de um estudo qualitativo do tipo caso de ensino, que toma como foco um evento realizado em outubro de 2023 através de uma mesa redonda composta por ex-alunos integrantes de Centros Acadêmicos da referida instituição.

O caso de ensino demonstra o sentimento de compromisso da autora, que de estudante, passa a ser docente da UECE, para com a formação política dos futuros professores. Todavia, o cenário individualista dos tempos atuais, se desdobra em uma juventude pouco envolvida com as suas próprias pautas estudantis e a desmobilização dos estudantes enquanto categoria é uma realidade.

Percebe-se que a formação de um grupo estudantil emancipado, que seja sujeito de transformação da realidade e não mero resultado do seu contexto social, político e econômico, é um desafio para a formação das próximas gerações, e apesar das dificuldades para concretizar tal feito, existe a possibilidade de sempre buscarmos resistir em prol de uma sociedade mais humanizada, ainda que a classe docente não possa ser vista como a única capaz de mudar a realidade.

Conclui-se que o caso de ensino aqui problematizado, ainda que se trate de uma experiência individual, corrobora o entendimento da docência universitária na contemporaneidade, prioritariamente no que concerne à tarefa de formar professores compromissados e problematizadores dos seus contextos sociais, políticos e econômicos. Por isso, fica o convite para que outros casos de ensino sejam publicizados, considerando realidades distintas, a fim de alargar as discussões ora iniciadas, pois o campo da formação docente precisa ser permeado pelas vivências daqueles que lidam diariamente com essa tarefa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, R de A. **A assistência ao estudante da residência universitária da UFPB**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

BROCH, C., TEIXEIRA, F. C., PIZANI, J.; BARBOSA-RINALDI, I. P. Trabalho docente na universidade: um diagnóstico com professores de Educação Física. **Movimento**, v. 26, 2020, p.1-19. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/LcfZfVJKmVCsddPbS33yCmR/#> Acesso em: 12 de maio 2024.

COSTA, R. C. da.; COSTA, L. de M. C. Atuação do Movimento Estudantil da Universidade Federal de Alagoas no processo de redemocratização do Brasil. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, 2020, p. 1-21. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/gxzdDLLWRqW7kkpg8RQMkvM/?lang=pt#ModalHowcite> Acesso em: 09 de maio 2024.

ÉSTHER, A. B. Que universidade? Reflexões sobre a trajetória, identidade e perspectivas da universidade pública brasileira. **Espacio, Tiempo y Educación**, v. 2, n. 2, p. 197-221, 2015.

FARIA FILHO, L. M de. Precisamos criticar a visão ufanista da educação. **Boletim UFMG**, v.41, n. 1900, 2015, p.1-3. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1900/5.shtml> Acesso em: 9 de maio 2024.

FARIAS, I. M. S de; MUSSI, A de A. Apresentação: casos de ensino na pesquisa e formação docente: que conversa é essa? **Roteiro**, v. 46, 2021, p.1-8. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592021000105001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 maio 2024.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A. de. A formação do pedagogo em reflexão. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, v. 6, n. 3, 2021, p. 171–186. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/plurais/article/view/8600>. Acesso em: 8 maio 2024.

FIALHO, L. M. F.; ANDRADE DE SOUSA, F. G. O estado da questão sobre a escrita biográfica de educadoras brasileiras. **Revista Intersaberes**, v. 18, 2023, p. 1-26. DOI: Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/e023tl4005>. Acesso em: 8 maio 2024.

FRANCO, M. A. R. S. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1915.

HUERTA, J. L. H. Representações dos movimentos estudantis brasileiros na imprensa diária durante o ano de 1968. De calabouço à missa do sétimo dia. **História da Educação**, v. 22, n. 54, p. 47–70, jan. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/vr3WdNHw6p3DvLdm8T7spFm/?lang=pt#> Acesso em: 16 maio 2024.

LEON, A. D. Clássicos da educação brasileira. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3. 2012, p. 229-234. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Dh4RNwC5w8FSB5PBbh8KjHg/#> Acesso em: 11 de maio 2024.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, 1999, p. 239–277. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GVJNtv6QYmQY7WFv85SdyWy/#> Acesso em: 15 maio 2024.

MENDES JUNIOR., A. **Movimento estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONTEIRO, M. V. P.; SIQUEIRA, V. H. F. de. Transformando experiências em demandas: interações entre o centro acadêmico e a escola de educação física da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021, p.1-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/f9QhfJ5xhmqWq4rPpbJ5h9s/#> Acesso em: 11 maio 2024.

SOUZA, C. de.; PAIVA, I. L. de. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 3, 2012, p. 353-360. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/ZBY9r5KFD5c7QnhzpZ6CVDk/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 19 de maio 2024.

VIEIRA, S. L. **História da Educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

Recebido em: 18/05/2024

Aprovado em: 01/07/2024